

# **O IMPACTO DA RELAÇÃO DO NARCISISTA MACHISTA SOBRE A VIDA DE SUAS FILHAS**

*Elizandra de Almeida\**

## **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo elucidar o impacto da relação do narcisista machista sobre a vida de sua filha. O presente estudo buscou compreender, por meio de uma abordagem qualitativa, a relação entre o comportamento narcisista praticado por homens e o machismo, que é uma dupla na qual afeta profundamente a estrutura psíquica familiar, inclusive quando este tipo de narcisista exerce um poder exacerbado sobre uma filha. Tanto o narcisismo patológico quanto o machismo, simbolizam uma violência não declarada contra a mulher; neste caso ligado por uma estrutura de poder.

*Palavras-chave:* narcisismo, machismo, características narcísicas, relação pai-filha.

## **ABSTRACT**

This article aims to elucidate the impact of the narcissist's relationship on the life of his daughter. The present study sought, through a qualitative approach, a relation between the narcissistic performance practiced by men and machism, which is a double in the struggle for a familiar psychic structure, even when this type of narcissist exerts an exacerbated power over a daughter. Both pathological narcissism and machism symbolize an undeclared violence against a woman; in the present case by a power structure.

*Keywords:* narcissism, machism, narcissistic characteristics, father-daughter relationship.

(\*) Psicanalista. Membro da Associação Brasileira de Psicanálise Insight. E-mail: [ellyzandra@hotmail.com](mailto:ellyzandra@hotmail.com)

## **O IMPACTO DA RELAÇÃO DO NARCISISTA MACHISTA SOBRE A VIDA DE SUAS FILHAS**

### **INTRODUÇÃO**

Como observa Lipovetsky (2005), citado por Lazzarini (2010, p.270): “A patologia mental obedece à lei da época [...]: a críspação neurótica foi substituída pela flutuação narcísica” (p. 55). Há uma considerável procura de psicólogos e psicanalistas contemporâneos, por motivo de uma modificação do perfil da demanda clínica, a ocorrência de um progressivo deslocamento dos quadros neuróticos clássicos para as patologias do narcisismo. Nos momentos de indefinições, de grandes e rápidas mudanças o sujeito esboça um movimento regressivo, um movimento narcísico direcionado a si próprio, ou seja, o eu deste sujeito se comporta como objeto de seu próprio investimento o qual se caracterizaria por uma idealização de si, uma forma de se sentir pleno.

A figura paterna (seja ela narcisista ou não) “transita em meio às situações terapêuticas de forma variada, seja por meio de sua concreta presença ou de sua efetiva ausência da vida do paciente, seja por meio de projeções que os pacientes fazem de diversos pais internalizados, ou de representações de pai”. (GOMES, 2004).

Desta forma, a prática da clínica psicanalítica tem como finalidade representar a possibilidade de o paciente vivenciar com o analista, na transferência, sua dinâmica psíquica interna, com o objetivo de entrar em contato com ela e por meio de enfrentamento da angústia, resignificá-la (MACÊDO, 2010).

De acordo com esta nova demanda em clínica o artigo em questão se faz pertinente.

Este trabalho de revisão foi elaborado a partir da consulta de bibliografia, assim como da recolha de artigos científicos pesquisados em diversas plataformas de publicações científicas.

Infelizmente nesta abordagem os pais manifestam uma série de manifestações de violência em relação aos filhos, sendo estes objetos de suas agressões incontroladas em função de sua proximidade, de sua fragilidade, de sua dependência principalmente dos múltiplos significados conscientes e inconscientes que a criança adquire na mente dos pais. (MALTZ, 2008 p. 6).

De acordo com Lowen, (1983), o narcisismo expõe uma condição psicológica, sendo designada como uma perturbação da personalidade sendo qualificada como um investimento exagerado na imagem da própria pessoa à custa do *self*. Para eles é mais importante a imagem que passam, do que o que realmente sentem. Sem um *self* estabilizado, sentem-se vazios.

Freud, em seu livro *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914) indica qual é a trajetória que fazem com que o narcisista escolha o seu objeto: “Uma pessoa pode amar o que foi outrora e não é mais, ou então o que possui as excelências que ela jamais teve e que não pode atingir”. A fórmula paralela à que se acaba de mencionar diz o seguinte: o que possui a excelência que falta ao ego para torná-lo ideal é amado. [...] “Por causa de suas excessivas catexias objetais, é empobrecido em seu ego, sendo incapaz de realizar seu ideal do ego”. FREUD, (1990).

De acordo com Freud, citado por Pinheiro (1995), no texto de 1912, *Totem e tabu*:

Freud encontrou os subsídios para pensar a onipotência narcísica através da concepção de um poderoso chefe da horda primitiva. Mas é no texto *Introdução ao Narcisismo* de 1914 que o conceito vem pela primeira vez costurado, trazendo, não mais o narcisismo conquistado pela força bruta das “tribos primitivas”, mas na civilização humana como vimos na citação acima, como uma invenção de dois adultos - os pais da criança ou daqueles que dela se ocupam. *Totem e tabu* inova por descentrar o pensamento freudiano de uma construção teórica em que o trabalho do aparelho psíquico é ditado pela pulsão. [...] Nesse texto de 1912, o foco volta-se para as imposições ao aparelho psíquico exercido pela sociedade. Lançando o olhar para os imperativos da cultura, Freud teve que se haver não mais com o recalque em si, mas como sendo um longo e complexo processo de assimilação.

Freud (1914), citado por Marson (2008, p. 2), contribuiu para o estudo da maternidade e da paternidade através de seu trabalho sobre narcisismo:

Neste, ele atribui ao amor e às atitudes afetuosas dos pais em relação aos filhos uma característica narcísica. Segundo ele, o narcisismo primário dos pais, já abandonado, é revivido e reproduzido em seu amor ao filho. A atitude emocional dos pais será dominada pela supervalorização, o que revela o caráter narcísico deste afeto, sendo ao filho atribuído todas as perfeições e as suas deficiências. A criança concretizará os sonhos que os pais não realizaram e terá os privilégios que eles não tiveram.

Como Freud nos ensinou, citado por Macêdo (2010), o narcisismo secundário constitui um movimento de desinvestimento em objetos externos e investimento no próprio ego, que utiliza vários mecanismos defensivos primitivos, [...] havendo uma desistência da relação de objeto que pode ser decorrente da frustração vivenciada no vínculo primitivo e que deixou marcas profundas na psique [...].

O machismo por sua vez, conforme nos diz Drumont, (1980), "caracteriza-se de representações-dominação que utiliza o argumento das relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em extremo dominante e dominados, que se confirmam mutuamente numa situação de objeto”.

A violência não declarada é muito sutil, conforme (Martins, 2009) nos descreve:

O silêncio da violência exercida pelo perverso narcísico sobre seu cúmplice não é do mesmo tipo de uma relação sádica ou sadomasoquista, tampouco a vítima da agressão silencia porque se sente intimidada. Essa violência é silenciosa e a vítima a sofre de maneira silenciosa, porque se trata de uma violência velada e insidiosa, não assumida pelo agressor, negada e denegada por ele, que sutilmente inverte a relação acusando o outro de ser o culpado pela situação.

Desta forma, a vítima se sente confusa e acaba por sentir-se culpada, o que, por sua vez, inocenta o agressor. Não se trata de uma violência física, e esta não é pontual: estende-se ao longo do tempo. (p. 38)

O narcisista pode ter ciúmes de alguns atributos da filha ou até mesmo de sua personalidade, do relacionamento que tem com sua mãe. A filha se sente totalmente confusa com isso, porque para o pai ficar orgulhoso dela ela precisa tomar cuidado com o nível de orgulho que dará a ele para que seja de uma forma que não ofusque a imagem dele. (Alvarenga, 2017).

McBride (2013) sabe o quanto é importante o relacionamento saudável com ambos os pais, “mas se o pai tem inveja da relação da filha com a mãe, o que a filha faz? Ela quer que ambos os seus pais a amem então o que pode fazer? Como pode lidar com este desequilíbrio delicado? Para complicar mais a questão, o que a mãe faz? “Muitas vezes a mulher tem de se colocar em uma posição submissa e baixar sua cabeça, sendo assim quando em um “relacionamentos com narcisistas masculinos escolhem atender ao pai como prioridade a fim de manter o relacionamento. Como a mãe não pode se conectar com a sua filha, isto a deixa com uma falta de conexão emocional com ambos os pais”.

Desde muito cedo a criança aprende a ter o reconhecimento do outro, percebe que carrega em si um duplo aspecto: “esse outro é o que protege o indivíduo contra o desamparo, mas é igualmente invasor, em função da situação de passividade da criança. Ou seja, o indivíduo estaria à mercê desse outro e, conseqüentemente, diante da constatação de sua fragilidade, vai se posicionar diante de um paradoxo: necessita do outro para sua proteção e, portanto dele não pode se separar, mas, ao mesmo tempo esse outro que o protege pode também ameaçá-lo com sua intrusão”. (LAZZARINI, 2010).

É muito comum que o pai narcisista faça com que os irmãos se odeiem, com que os filhos odeiem a mãe, e vice-versa. E fazem com que todas as informações passem por ele primeiro, para que seja capaz de manipulá-las segundo a sua vontade. O que não difere nada de um comportamento machista.

Naturalmente a mulher oprimida, circunstancialmente se vê na condição de vítima. Drumont (1980) declara que, ela afirma cada vez mais sua posição oprimida, de forma inconsciente, não se engajando numa luta pela sua própria liberação.

## O RETRATO DO NARCISISTA

De forma bem generalizada Lowen (1983), nos diz como se sente o narcisista: “eles tem uma predisposição para a depressão, vive com uma sensação de vazio ou de ausência de sentimento”.

A grande dúvida geradora de confusão em torno do narcisismo parece vir da mistura de sua definição cognitiva, afetivo-motivacional e processos comportamentais.

O narcisismo possivelmente está ligado a um processo bastante contraditório: a simpatia e a segurança dos narcisistas podem dar-lhes uma aparência entusiástica que fascina os outros, por outro lado, a sua agressividade e falta de empatia acabam impedindo-o de se ligar de forma efetiva e afetivamente as pessoas. Narcisistas parecem sempre estarem se esforçando em processos intra e interpessoais antagônicos (MÂCEDO, 2010).

Estes processos abrange um aspecto grandioso do seu self, um forte senso de direito e superioridade, uma falta de empatia, necessidade de admiração social, bem como disposição para mostrar-se dominante, encantador, gosta de vangloriar-se, são charmosos, autoconfiantes e humorísticos.

Por outro lado, há atributos tais como, hostilidade, baixa autoestima; além do que se acredita que sejam permanentemente insensíveis aos problemas alheios e mantenham opiniões bastante negativas sobre os outros. “Como resultado, seus esforços para serem admirados geralmente não são bem-sucedidos porque seus comportamentos egocêntricos levam à rejeição e ao fracasso interpessoal no longo prazo” (TRINCÃO, 1983).

O intuito do narcisista para conservar um self grandioso pode ser obtido pelo seguinte plano tático:

A habilidade para conseguir respeito social por meio de autopromoção (autopromoção assertiva) e a tendência a prevenir falha por meio de autodefesa (autoproteção antagônica). Essas duas estratégias são conceituadas como ativadoras de diferentes caminhos afetivo-motivacionais, cognitivos e comportamentais: admiração e rivalidade. [...] Ambos os motivos servem aos objetivos gerais de criar e manter um eu positivo. Para os narcisistas, esse objetivo geral é, no entanto, um pouco diferente: seu objetivo primordial é criar e manter um eu grandioso em vez de apenas um eu moderadamente positivo. Ambas as estratégias, autopromoção assertiva e autoproteção antagônica, são consideradas cronicamente ativadas devido ao eu grandioso self narcisista e pode ser adicionalmente induzida por sinais situacionais (por exemplo, situações de familiarização como uma chance de admiração social, feedback negativo indicando um risco de fracasso social (LOWEN, 1983).

O sentimento de autoproteção do narcisista é muito forte, o que mais lhe assombra é o fracasso e a descoberta de sua vulnerabilidade. Esses grandes esforços para se proteger advêm de ataques (reais e imaginários) por outros. Neste caso, as suas reações ofensivas nada mais são que a sua autodefesa gritando.

Acredita-se que a autoproteção antagônica ative um conjunto diferente de dinâmicas comportamentais. Essa dimensão consiste em lutar pela supremacia (afetivo-motivacional), desvalorização dos outros (cognitivo) e agressividade (comportamental), (BACK, 2013).

Para eles os elogios no relacionamento social, impulsiona o ego de forma estratégica, em contrapartida nesta mesma situação se houver uma crítica, também será percebida como uma ameaça ao ego, (BACK,2013).

Lowen 1983, diz que a autoimagem – seja ela grandiosa, idealizada ou real – deve ter alguma relação com o self, que é mais do que uma imagem. Os narcisistas não funcionam em termos de autoimagem real, porque esta lhes é inaceitável. Mas como podem ignorar ou negar sua realidade? A resposta é que não olham diretamente para o self. Há uma diferença entre o self e sua imagem [...].

O superego dos narcisistas é considerado normal, guiado por princípios morais em relação à conduta sexual e a outros. Este superego não é rigoroso e nem severo. Vivem como se fossem livres de normas sociais. (LOWEN, 1983).

Gikovate 1978 resume com bastante facilidade o narcisista: egocêntrico, egoísta, apegado às aparências, baixa tolerância à frustração, incoerência lógica, imoralidade, pensamento concreto – sem imaginação, pessimismo, admiração e inveja de pessoas generosas e imaginativas, medo de crítica, racionalidade camuflada por alta “sensibilidade” e “emotividade”.

Nada dá mais prazer ao narcisista machista como assistir, com grande satisfação a filha se quebrar em duas para corresponder às suas expectativas, através de esforços e dedicação exagerados dos outros a ele, assim ele consegue se auto afirmar (ELGENKE, 2016).

## **O MACHISMO EM CASA**

A construção dos papéis sexuais impostos para homens, como Machão, Viril, Poderoso, Dominador, está impregnada em nossa sociedade, sendo repassada para as futuras gerações, com naturalidade. (SILVA, 2012).

Revisões da literatura (Ramires, 1997; Rezende & Alonso, 1995) citado por Silva 2007, têm assinalado que essa imagem da paternidade consolidou-se com a família nuclear burguesa, caracterizada por uma rígida divisão de papéis sexuais, e pelo distanciamento entre o lar e o

espaço de trabalho. Contudo essa caracterização do pai como essencialmente provedor do sustento econômico, já não condiz com a atualidade.

Para Couto (2013), a ampliação da presença feminina no mercado de trabalho a expansão da escolarização, entre outros; há, contudo um conflito de interesses de geração. As mulheres mais jovens são as que mais sofrem com a discriminação em seu lar. Há homens que permanecem com suas mentalidades estagnadas no tempo.

O poder do homem em relação à mulher pode surgir sob vários aspectos, como, por exemplo:

São homens autoritários que acham que a mulher tem que obedecer, são homens que querem ser mais do que a mulher, ser superiores, não deixa a mulher trabalhar fora, ter independência financeira, amizades; acham que a mulher tem que ficar em casa, cuidando da casa, lavando, cozinhando, cuidando dos filhos; é importante que o homem tenha mais experiência sexual que a mulher e esta deve satisfazer o marido sexualmente mesmo quando não tem vontade; nas decisões importantes, é justo que na casa o homem tenha a última palavra”(COUTO, 2013).

“A configuração simbólica honra-vergonha é um dos principais traços constitutivos da masculinidade hegemônica da sociedade” (COUTO, 2013).

Lowen 1983, diz que “estar sob o poder de alguém é uma experiência humilhante, [...] é um insulto ao ego.”

Bution (2016) menciona Bornstein (2006, 2012), que confirma que os narcisistas machistas são emocionalmente dependentes de suas parceiras (justamente pelo medo de abandono e fracasso) e tendem a desempenhar o papel de abusadores, tornando suas mulheres vítimas dependentes.

Conseqüentemente, no caso dos homens, ao perceberem algum perigo em sua relação, seja ele real ou imaginário, podem tornar-se violentos e abusar de suas parceiras.

Casos de agressões físicas nos causa repulsa, porém o abuso faz com se questione a própria sanidade mental quando a auto estima é freqüentemente destruída por ataques verbais que maltratam emocionalmente (ELGENKE, 2016).

## **RELAÇÃO PAI-FILHA**

É pressuposto da teoria psicanalítica o papel estruturante do pai, a partir da instauração do complexo de Édipo. Na trama familiar, o sujeito se constrói e sai do estado de natureza para ingressar na cultura. A experiência clínica tem mostrado que, na vida adulta, as

representações dessa vivência insurgem nas várias possibilidades de construção psico afetiva, com repercussão nas relações sociais (GOMES, 2004).

Existem aspectos específicos que caracterizam a relação pai-filha.

Consideramos que o pai é a primeira conexão que a mulher tem em vida com um homem. Desta forma, as referências de relações com homens, amores e a sua forma de agir no mundo são influenciadas pela primeira relação masculina estabelecida em sua vida, que é a relação pai-filha (GARCIA, 2007).

Segundo Stein, citado por Garcia (2007):

[...] é o pai que primeiro desperta a sexualidade da menina em relação aos homens. O modo como irá reagir aos temores e desejos da filha depende de sua atitude com seu lado feminino, do seu relacionamento com a sua mulher e do relacionamento que teve com a sua mãe. Sua reação influenciará a menina em sua atitude com a vida emocional e em sua relação com os homens. (1979, p. 164)

Sendo assim, consideramos que o pai tem como uma das funções auxiliar a filha a enfrentar seus conflitos (Garcia, 2007).

## **CONSEQUÊNCIAS PARA AS FILHAS**

Na relação com o pai narcisista e machista o poder é um dos atributos que faz parte desta relação. A consequência deste poder para o diálogo é o de torná-lo mais reduzido e sem espaço para uma relação mais democrática. A escassez de diálogo e a existência da imposição modificam alguns aspectos do Pai na psique da filha. Desta forma, os atributos do Pai relativo à decisão e confiança, diante deste modelo, estruturam-se de forma distorcida na psique da filha (GARCIA, 2007).

Estas filhas que tiveram sua relação com o pai afetada tornam-se mulheres adultas que apresentam dificuldades na auto depreciação, na auto confiança, em tomar decisões, levando-as muitas vezes procurar essas características em figuras masculinas (que por muitas vezes pode ter idade muito superior a da mulher) que assim representem essa fonte (GARCIA, 2007).

Para Scull (1992, p.99) citado por Garcia (2007), “se o pai desencorajar esforços de sua filha, minar sua auto confiança, envergonhar seu corpo ou diminuir suas opiniões pessoais, sua auto estima será frustrada e poderá levar anos até ela aprender a acreditar em si mesma”.

Desta forma, o controle e o poderio exercem grande abalo sobre a filha o sentimento comumente presente é o medo: do pai e às normas representantes do universo do Pai.

A filha poderá ter problemas para se impor, desta forma pode também levar a seguir o modelo do pai no que se refere à auto exigência (GARCIA, 2007).

O pai narcisista também pode de certa forma ser considerado como pai ausente, por mais que este esteja presente excessivamente em corpo físico está também presente no emocional da filha. A ausência é no sentido de estar fechado às necessidades de sua filha, sejam estas emocionais, sociais, financeiras e afetivas. Podendo criar idealizações elevadas, uma vez que a ausência permite que fantasias sejam criadas, além do que muitas vezes acreditar que o pai pode mudar, criando falsas expectativas e conseqüentemente transferindo isto para um relacionamento amoroso tóxico.

De acordo com Carter (1992), citado por Garcia (2007):

As mulheres que possuem pais inadequados ou ausentes apresentam alguma dificuldade no estabelecimento de intimidade no casamento ou no que se refere ao desempenho sexual. Assim, a relação ausente de pai costuma gerar nas filhas um sentimento de abandono e grande vulnerabilidade em relação à vida, além de proporcionar dificuldades no estabelecimento de vínculos mais íntimos e uma falta de estrutura interna, o que favorece sentimentos de insegurança. A ausência pode acarretar, também, forte idealização do pai e rejeição da mãe.

O pai torna-se uma figura idealizada e a mãe fica com as projeções negativas. Por outro lado, a ausência do pai pode gerar também sentimento de raiva, promovendo uma aproximação da filha em relação à mãe e um afastamento ainda maior em relação ao pai. Esse sentimento acaba levando a filha a aliar-se à mãe e a desprezar o pai e ter raiva dele.

De acordo com Garcia (2007), como consequência a filha começa a apresentar: “grande necessidade de regras externamente definidas. Isso nos reforça que dentro daquela filha as bases fornecidas pelo arquétipo do Pai — normatização, organização, discriminação — são frágeis e tênues”.

Lowen 1983, diz que há situações onde “a mãe vota-se para a filha em busca de simpatia e compreensão, e até compartilhar com ela seus sentimentos de frustração em relação ao cônjuge”. A criança sente-se culpada de alguma forma e torna-se cúmplice da mãe, estando a disposição dela como ouvinte, com lamentações masoquistas a criança se sente desconfortável e com sentimentos muito desagradáveis, não sabendo o que fazer e nem como processá-los. Sendo assim a criança evita ao máximo importunar a mãe com suas aflições e necessidades.

Com mais estas contribuições (agora por parte da mãe) a criança se torna uma adulta emocional e afetivamente perturbada, com tristeza e cólera, tanto por si mesma quanto por seus pais.

Conforme diz Dametto (1994), há filhas que manifestam de forma “delirante”, os mais variados tipos de mutilação que sofreram. Sentem-se mortas-vivas e para provar a si mesmas que estão vivas, não raro tentam auto mutilações ou suicídio.

A filha de pai narcisista está sempre com a sensação de algo está faltando e que sempre pode fazer mais para reparar sua suposta incapacidade. O abuso emocional e psicológico por anos a fio afetam o discernimento e a percepção de identidade e auto imagem da filha (ELGENKE, 2016).

Elgenke (2016), também lista uma série de consequências para a filha de pais narcisistas e machistas:

- Sofrem com o excesso de autocrítica e a falta de amor próprio;
- Auto sabotagem, rejeitando a si mesma;
- Tentativa incoerente de reivindicar a sua autonomia perdida;
- Questionam as próprias habilidades;
- Tem dificuldades de se realizar pessoal e/ou profissionalmente;
- Acham difícil, se não impossível, confiar nos outros;
- Dificuldade em se ver como adulta;
- Vergonha social para falar do pai;
- Dependência afetiva e emocional.

## **DEPENDÊNCIA AFETIVA**

É muito comum as filhas de pais narcisistas machistas se doarem excessivamente em seus relacionamentos amorosos, como se elas quisessem de forma desesperada reparar algo em suas vidas. Esta é mais uma consequência desastrosa na vida dessas mulheres. Elas evocam suas crenças inconscientes aprendidas ao longo de suas vidas, que é o modelo que sempre tiveram em sua família, sentindo que merecem um relacionamento com um homem que as façam sofrer de alguma forma. Em contrapartida agem com uma mãe-facilitadora introjetada bem mais forte do que elas imaginam.

A família que nega a realidade faz com que seus filhos a neguem também, e isso interfere seriamente no desenvolvimento dos instrumentos básicos para a vida e para o relacionamento com pessoas e situações. É o prejuízo que se vê em mulheres que se tornam dependentes afetivas. Essas mulheres tornam-se incapazes de discernir se algo ou alguém é bom para elas ou não. Situações e pessoas que outros evitariam naturalmente por serem perigosas desconfortáveis ou perniciosas não são repelidas por elas, pois não podem avaliar

realisticamente ou de forma auto protetora. Não confiam em seus sentimentos, não são usados para dirigir sua vida. Ao contrário, são na verdade atraídas para os perigos, intrigas, dramas e desafios de que se esquivariam outras pessoas, com experiências mais saudáveis e equilibradas. E através desse tipo de atração que acaba replicando o que viveram que crescem e continuam a se ferir. (Norwood, 2011).

Riso (2018), descreve como ocorre a dependência no relacionamento amoroso:

Depender da pessoa que se ama é uma maneira de se enterrar em vida, um ato de automutilação psicológica em que o amor próprio, o auto respeito e a essência são oferecidos e presenteados irracionalmente. Quando a dependência está presente, entregar-se, mais do que um ato de carinho, [...] uma rendição conduzida pelo medo com finalidade de preservar as coisas boas que a relação oferece. Sob o disfarce de amor romântico, a pessoa dependente afetiva começa a sofrer uma despersonalização lenta e implacável até se transformar num anexo da pessoa “amada”, um simples apêndice.

Desta forma, essa mulher emocionalmente ferida, está fadada a seguir um ciclo interminável de sofrimento, arriscando a perder a pouca auto identidade que lhe restou do relacionamento com seus pais.

“O dependente afetivo é uma pessoa que tem deixado o comportamento de outra afetá-la, e é obcecada em controlar o comportamento dessa outra pessoa” (BEATTIE, 2013).

Consequentemente, o relacionamento tóxico dessas mulheres inclui cuidar e se preocupar excessivamente com seus parceiros, querendo até muitas vezes salvá-los, como se inconscientemente isso as salvassem também.

Precisar demais das pessoas pode causar problemas. As pessoas se transformam na chave de nossa felicidade. Acredito que concentrar-nos em outros, o pôr nossas vidas na órbita de outras pessoas, esteja ligado à codependência e deriva-se de nossa insegurança emocional. Creio que essa incessante procura de aprovação a que nos entregamos também derive da insegurança. Achamos que a mágica está nos outros e não em nós. Os bons sentimentos estão neles, não em nós. Quanto menos coisas boas encontramos em nós mesmos, mais procuramos nos outros (BEATTIE, 2013).

Bution (2016) cita Arntz (2005), Bornstein (2012); para demonstrar como os comportamentos autodestrutivos e as comorbidades também parecem fazer parte do quadro de dependência. Deste modo, a dependência emocional pode estar associada a transtornos alimentares, transtornos ansiosos, somatizações e depressão. Além disso, aumentam as chances de o indivíduo cometer suicídio, que ocorre na tentativa de impedir o abandono por parte do

parceiro, mostrando sua vulnerabilidade, impulsividade e baixa tolerância à frustração, características próprias dos dependentes emocionais.

De acordo com Freud (1932), a amplitude da excitação pode dar a impressão de fatores traumáticos, quando os fatores operativos do princípio do prazer estão paralisados e quando as situações perigosas se tornam significativas.

Sendo assim, Bution (2016), faz referência a Moral & Sirvent(2009), afirmando que frequentemente essas mulheres tem muita dificuldade de romper com o relacionamento justamente porque pelo medo de ficarem sozinhas e pelo sentimento de estar atada à relação.

Bution 2016, cita Hoogstad(2008), que diz que para entender a dinâmica dos relacionamentos dependentes e a frequente violência neles presente, faz-se importante citar o triângulo de Karpman, que tem em seus vértices os seguintes papéis: perseguidor, salvador e vítima. Assim, em relacionamentos nos quais impera a dependência emocional, cada indivíduo assume um papel e, por vezes, os parceiros trocam de papéis. Este modelo evidencia o problema de colocar papéis no âmbito da violência doméstica.

Uma das dificuldades em tratar indivíduos com dependência emocional está relacionada à falta de consciência do problema por parte da população e dos próprios profissionais de saúde. Também é importante compreender melhor a dinâmica existente no relacionamento estabelecido por indivíduos dependentes e o tipo de parceiro escolhido por estas pessoas. Apesar de vários artigos teóricos versarem sobre a etiologia dessa dependência, não foi encontrada nenhuma pesquisa empírica sobre o assunto, o que é de extrema importância para o entendimento deste transtorno. (BUTION, 2016).

Portanto, devido a todas as implicações individuais e sociais relacionadas à dependência emocional, é importante analisar formas de prevenção e tratamento adequadas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, pode-se concluir sobre a necessidade de uma maior quantidade de estudos sobre o tema a fim de compreender melhor este vasto campo pouco explorado possibilitando que vários estudos sejam realizados. Há um gradativo aumento no número de publicações sobre a “mãe narcisista”, mas são poucas as pesquisas que se dedicam a estudar o tema do pai narcisista. É inegável que a dependência emocional/afetiva surge em membros de famílias disfuncionais, merecendo grande atenção em clínica devido à sua alta incidência na população como às suas consequências.

Conclui-se que o narcisismo e o machismo são separados por uma linha muito tênue, fazendo-se menção de que o narcisismo é um transtorno de personalidade enquanto o machismo é uma transgressão no papel social do homem.

Quando a menina cria um vínculo afetivo negativo com o pai, a experiência fica marcada de forma obscurecida e pode ter entre suas consequências os excessos, tais como, perfeccionismo, ausência de criatividade, excesso de trabalho, ocasionando uma dificuldade em confiar na sua capacidade relacional ou emocional, sentindo-se sempre insuficiente em tudo o que faz. Tentando sempre buscar a aceitação desse masculino interior perdido.

Muitas mulheres encontram-se de alguma forma ligadas ainda a seus pais, isto se refere tanto ao pai concreto quanto ao simbólico. Ele pode ser um representante bondoso ou perverso. A questão é que este pai pode ser encontrado em outro representante do pai, muitas vezes em um parceiro amoroso.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, L. **Mães narcisistas**. Revista Jus Navigandi. Teresina – Piauí. Dezembro, 2017. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/62699/maes-narcisistas>> Acesso em: 20 Nov. 2018.

BACK, M.D. *et al.* **Narcissistic Admiration and Rivalry**: Disentangling the Bright and Dark Sides of Narcissism. Journal of Personality and Social Psychology. 2013. Vol. 105, No. 6, p. 1013–1037. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/257837687>>. Acesso em: 06 Nov. 2018.

BEATTIE, M. **Codependência nunca mais**: pare de controlar os outros e cuide de você mesmo. Editora: Viva Livros. Rio de Janeiro. 2013. p. 270.

BENCZIK, E. B. P. **A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil**. Revista psicopedagogia. São Paulo, v. 28, n. 85, p. 67-75, 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862011000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 11 dez. 2018.

BUTION, D. C.; WECHSLER, A. M. **Dependência emocional**: uma revisão sistemática da literatura. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina , v. 7, n. 1, p. 77-101, jun. 2016 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072016000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000100006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 28 jan. 2019.

COUTO, M.T; SCHRAIBER, L. B; **Machismo hoje no Brasil**: uma análise de gênero das percepções dos homens e das mulheres. Ed. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, Edições p. 49 – 60. SESC SP, 2013.

DAMETTO, C. **Filicídio** e considerações sobre o narcisismo. Rio de Janeiro. Folha Carioca Editora. 1994. p. 153.

DRUMONT, M.P. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas. São Paulo, 3: 81-85, 1980. Disponível em:<<https://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/download/1696/1377>>. Acesso em: 12 Nov. 2018.

ENGELKE, M. **Prisioneiras do espelho**: um guia de liberdade pessoal para filhas de mães narcisistas. Canadá. Ed. Kobo. 2016. p. 224.

FREUD, S. (1914b). **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 83-119.

FREUD, S. (1933[1932]). **Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-220

GARCIA, A. C. F. **De pai para filha**: as contribuições do pai na construção da identidade da mulher. Revista de Psicologia. São Paulo, volume 16, n.1 e n.2, 119-131, 2007.

GIKOVATE, F. **Você é feliz?** Uma nova introdução ao narcisismo. São Paulo. MG, Editores, ed. 8ª. 1978. p. 129.

GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. R. **O pai presente:** o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília (UnB), v. 20, n. 2, p. 119-125, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/8640>>. Acesso em: 7/01/19.

LAZZARINI, E.R.; VIANA, T. C. **Ressonâncias do narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea.** *Análise Psicológica*, 2 (XXVIII): 269-280. Brasília – DF, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312010000200003](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000200003)> Acesso em: 30 Nov.2018.

LOWEN,A. **Narcisismo:** negação do verdadeiro self. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

MACÊDO, K. B. **As múltiplas faces de Narciso.** *Revista Psicologia e Saúde*, v.2, n. 2, jul. – dez. 2010. P 65-75. Disponível em: <<http://www.gpec.ucdb.br/pssa/index.php/pssa/article/view/65/111>> Acesso em: 26/12/18.

MALTZ, R.S.*et.al.* **Poder parental e filicídio:** um estudo interdisciplinar. *Revista Brasileira de Psicanálise* · Volume 42, n. 3, 91-102. 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2008000300010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000300010)> Acesso em: 11 Dez. 2018.

MARSON, A. P. **Narcisismo Materno:** quando meu bebê não vai para casa. *Rev. SBPH* v.11 n.1 Rio de Janeiro jun. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582008000100012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582008000100012) Acessado em: 10 Dez. 2018.

MARTINS, A. **Uma violência silenciosa:** considerações sobre a perversão narcísica. Cad. Psicanálise-CPRJ, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, p. 37-56, 2009. Disponível em: <[http://cprj.com.br/imagenscadernos/04.Uma\\_violencia\\_silenciosa.pdf](http://cprj.com.br/imagenscadernos/04.Uma_violencia_silenciosa.pdf)>. Acesso em: 20 Nov.2018.

MCBRIDE, K. **A mother's jealousy distorts a daughter's normal development.** Psychology Today. Outubro, 2013. Disponível em: <<https://www.psychologytoday.com/intl/blog/the-legacy-distorted-love/201310/mothers-who-are-jealous-their-daughters>>. Acesso em: 08 Dez. 2018.

NORWOOD. R. **Mulheres que amam demais.** Editora Rocco. 2011. p. 320

PINHEIRO, T. **Algumas considerações sobre o narcisismo, as instâncias ideais e a melancolia.** Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/297918096\\_ALGUMAS\\_CONSIDERACOES\\_SO\\_BRE\\_O\\_NARCISISMO\\_AS\\_INSTANCIAS\\_IDEAIS\\_E\\_A\\_MELANCOLIA](https://www.researchgate.net/publication/297918096_ALGUMAS_CONSIDERACOES_SO_BRE_O_NARCISISMO_AS_INSTANCIAS_IDEAIS_E_A_MELANCOLIA)> Acesso em: 26/12/18.

RISO, W. **Amar ou depender?** Como superar a dependência afetiva e fazer do amor uma experiência plena e saudável. Editora: L&PM Pocket. Porto Alegre – RS. 2018. p. 166.

SILVA. C. **A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher:** uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. 5º edição Março, 2012. Disponível em: <[http://www.unifia.edu.br/projetoRevista/artigos/direito/20121/desigualdade\\_imposta.pdf](http://www.unifia.edu.br/projetoRevista/artigos/direito/20121/desigualdade_imposta.pdf)> Acesso em: 11 Dez. 2018

SILVA, M. R.; PICCININI, C. A. **Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno:** um estudo qualitativo. Estudos de Psicologia. Campinas 24(4).561-573. Outubro - dezembro 2007.

TRINCÃO, J. C. **Para uma Introdução ao Estudo do Narcisismo.** Análise Psicológica  
1983. 4 (111); 395-408. Disponível em:  
<[http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2104/1/1983\\_4\\_395.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2104/1/1983_4_395.pdf)> Acesso: 11 Dez.  
2018.